



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

GABRIELLE NOGUEIRA CARNEIRO CRUZ

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
INQUIETAÇÕES A PARTIR DA AUTOETNOGRAFIA PERFORMÁTICA**

FORTALEZA

2023

GABRIELLE NOGUEIRA CARNEIRO CRUZ

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
INQUIETAÇÕES A PARTIR DA AUTOETNOGRAFIA PERFORMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) -
requisito parcial à obtenção do Título de Licenciada
em Educação Física pelo Instituto de Educação
Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Tatiana Passos Zylberberg

Aprovado em: 13/12/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Tatiana Passos Zylberberg (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª Dr^ª Luciana Venâncio
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª Dr^ª Samara Moura Barreto de Abreu
Instituto Federal do Ceará (IFCE)

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C962i Cruz, Gabrielle Nogueira Carneiro.
A importância da educação física escolar : inquietações a partir da autoetnografia performática / Gabrielle Nogueira Carneiro Cruz. – 2023.
48 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg.

1. Educação física escolar. 2. Desinteresse. 3. Autoetnografia. I. Título.

CDD 790

Ao meu Senhor, que em meio a tantas incertezas, esteve me guardando e me capacitando para esse momento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus por me permitir viver esta conclusão de curso, momento tão almejado, mas ao meu ver, quase improvável.

Ao meu esposo, Saymon Joaquim, que tanto me apoiou e me incentivou nesse semestre cheios de batalhas.

Aos meus pais, Gélito e Sílvia, por possibilitarem que eu tivesse boas condições durante todo meu período de graduação e por sempre estarem dispostos a me ajudar.

A Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg, por toda ajuda, incentivo, trocas e ensinamentos ao longo do período de um ano de orientação.

As professoras participantes da Banca examinadora, Luciana Venâncio e Samara Moura por suas contribuições na minha formação.

Aos demais professores(as) e colegas de curso que contribuíram com minha jornada no decorrer das quatro disciplinas de estágios no percurso da docência.

“Para tudo há uma ocasião, e um tempo
para cada propósito debaixo do céu”

Eclesiastes 3:1

RESUMO

Este trabalho de autoetnografia performática problematiza a importância da disciplina Educação Física (EF) na Educação Básica a partir da narração de uma docente em formação que, em sua vida foi uma aluna presente-ausente-presente nas aulas de Educação Física na escola, demonstrando completo desinteresse. Relacionando a sua vida com o mundo da dança, revela a proximidade com o mexer-se a partir de “Cinco Atos”, caracterizando momentos, experiências vividas e não vividas que a fizeram chegar até o presente momento: formanda de Licenciatura em Educação Física. Trazendo questões como “como intervir com estudantes que se autoexcluem por quererem ficar de fora?” e “por que isso acontece na disciplina de EF e não em outras disciplinas?”. O desfecho contempla três cartas indagadoras e, ao mesmo tempo inspiradoras, para diferentes atores do contexto escolar: estudantes, professores(as) e gestão, convidando-os(as) às transformações quanto ao interesse pela disciplina de Educação Física.

Palavras-chave: educação física escolar; desinteresse; autoetnografia.

ABSTRACT

This work of performative autoethnography problematizes the importance of the Physical Education (PE) discipline in Basic Education based on the narration of a teacher in training who, in her life, was a present-absent-present student in Physical Education classes at school, demonstrating complete disinterest. Relating her life with the world of dance, she reveals the proximity to moving from “Five Acts”, characterizing moments, lived and unlived experiences that led her to reach this moment: graduating from a Degree in Physical Education. Raising questions such as “how to intervene with students who self-exclude because they want to stay out of it?” and “why does this happen in the PE subject and do not in other subjects?”. The outcome includes three inquiring and, at the same time, inspiring letters to different active parts in the school context: students, teachers and management, inviting them to transformations in terms of interest in the subject of Physical Education.

Keywords: school physical education; disinterest; autoethnography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Três vezes eu: bailarina, cristã e professora | 17 |
| Figura 2 - Cantando na apresentação do dia das mães do colégio (2003) | 20 |
| Figura 3 - Em uma aula de ballet com 6 anos (2004) | 21 |
| Figura 4 - No palco, dançando ballet clássico (2022) | 22 |
| Figura 5 - Com a minha turma do 5º ano durante os jogos internos (2008) | 26 |
| Figura 6 - Aula de beach tênis no estágio supervisionado obrigatório IV (2022.2) | 30 |
| Figura 7 - Aula de grafite no estágio supervisionado obrigatório III (2023.1) | 31 |
| Figura 8 - Momento de intervenção no estágio supervisionado obrigatório IV (2022.2) | 35 |
| Figura 9 - Momento de intervenção no estágio supervisionado obrigatório III (2023.1) | 36 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| PRÓLOGO | 11 |
| ATO I – Quem sou para mim? | 14 |
| ATO II – Quando nasceu movimento em mim? | 18 |
| ATO III – Onde meu corpo mexe? | 23 |
| ATO IV – Por que (não) mexer na aula? | 27 |
| ATO V – O que eu vejo diante do palco-cenário? | 32 |
| BASTIDORES DA ESCOLHA METODOLÓGICA | 37 |
| CARTAS EM CENA | 40 |
| CARTA I | 41 |
| CARTA II | 43 |
| CARTA III | 47 |
| GRAND FINALE | 48 |
| REFERÊNCIAS | 49 |

PRÓLOGO

Em 2019, ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Ceará e “teria” que iniciar o TCC em 2021.1. Entretanto, sempre esbarrava no mesmo impasse: “qual tema devo fazer meu TCC?”.

Antes de identificar o tema, decidi que queria como minha orientadora a Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg, pois, devido a nossa ligação com a dança, sabia que ela me acolheria, entenderia e ajudaria com todos esses impasses. Em 2021 ela não tinha vagas para orientação, assim, começamos o percurso apenas em 2022.2. De cara a professora me encaminhou para leitura o TCC II de um aluno que tem características semelhantes as minhas: somos bailarinos e cursamos licenciatura em Educação Física. Silva (2021) produziu o TCC intitulado “Quadro em branco: um espetáculo de dança sobre sentir a escola”, que relata a produção da vídeo-dança “Quadro em Branco”. A orientadora sugeriu que eu lesse e assistisse a produção da dança. Depois desse momento, uma luz ascendeu, entendi que precisava falar sobre “algo” que eu tivesse ligação, que partisse de um questionamento que realmente quisesse respostas.

Reavivando momentos do passado, percebi que ao escolher cursar Licenciatura em Educação Física, entrei em contradição com o que imaginava ser a Educação Física Escolar (EFE). O conhecimento e aprofundamento durante o curso, “iluminaram” a importância dessa disciplina na Educação Básica. Desse modo, a temática que estava me inquietando tinha vindo à tona quando cursei a disciplina de Estágio Supervisionado I, pois percebi uma ligação com o que eu já tinha vivido. Desde o meu primeiro contato com estágio obrigatório no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Ceará (2019.1) pergunto-me: “Por que têm crianças/adolescentes optam em não participar das aulas de Educação Física?”. Essa questão despertou bastante curiosidade, por ter paridade com fatos que aconteceram comigo. Então ficou claro para mim que o meu TCC seria sobre a evasão nas aulas de Educação Física, ainda não conseguia decidir se iria delimitar o nível de ensino que iria me aprofundar, nem sabia qual era a metodologia que utilizaria, mas a princípio o assunto seria esse!

Mas esse não seria o fim dessa jornada. Eu sabia que ia ser difícil, o impasse agora era “como eu iria falar sobre esse assunto? Qual seria a melhor metodologia para desenvolver essa pesquisa?” Para minha angústia, estava com muita dificuldade em

desenvolver o texto, meu TCC não estava nascendo. O nervosismo e a preocupação só aumentavam dentro de mim, quando depois de 4 encontros com minha orientadora, decidimos fazer uma Autoetnografia Performática, relacionando o que passei na minha adolescência com o que me inquieta atualmente.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) parte da revisitação à minha história escolar, mais especificamente da minha ausência nas aulas de Educação Física na Educação Básica. Por meio de uma pesquisa qualitativa, tal projeto revela-se como uma Autoetnografia Performática inspirada em Raimondi (2019). Senti o desejo de escrever sobre a minha história com o intuito de questionar as ações análogas por mim testemunhadas.

Assim, esse projeto tem como **objetivo geral** problematizar a histórica “descartabilidade” da Educação Física escolar a partir da autoetnografia performática de uma estudante presente-ausente-presente; como **objetivo específico**: (1) produzir três cartas, que representem o diálogo com estudantes, professores(as) e gestão da escola, com a finalidade de questionar o binômio relevância x descartabilidade da disciplina Educação Física no ensino fundamental II.

Para cumprir o objetivo geral, o texto foi organizado em “Cinco Atos”, caracterizando cada momento da minha vida, experiências vividas e não vividas, que me levaram à devidos caminhos. Começo com a revelação “Quem é Gabrielle?”. Momento esse de autoconhecimento, descobertas, de poder ver o que eu sou e o porquê de eu ser quem sou.

O Ato II relata o início de um relacionamento eterno, eu e o meu “mexer”. Como bailarina, essa relação é indispensável. Prosseguindo, o Ato III caracteriza a problemática “Meu corpo mexe, mas nas aulas de Educação Física... não!”. Os Atos IV e V expressam meu início na faculdade, com descobertas e aprofundamentos perante a disciplinas, desenvolvendo a minha criticidade perante temas tão relevantes como esses.

A princípio, pode parecer um trabalho sobre um olhar individualista de quem permaneceu “de fora”, apenas observando as aulas, raramente participando da Educação Física, praticamente fugindo, descartando a disciplina. Entretanto, como esclareço ao decorrer do trabalho, uma proposta de autoetnografia performática aborda questões de urgência social e crítica complexa. Trata-se, portanto, de conhecer, anunciar e defender, a relevância das aulas de Educação Física Escolar a partir das reflexões que me levaram

a descartar a disciplina. Reflexões essas que se tornaram inquietações a partir das minhas experiências na disciplina de Estágio Supervisionado I (2019), pois, pela primeira vez, me coloquei no lugar de professora e queria entender o que gerava tanto desinteresse nos alunos em participar das aulas de Educação Física e o porquê de isso ser banalizado por todos os âmbitos.

ATO I – Quem sou para mim?

Sou Gabrielle, com dois “Ls” e um “E”,
Filha de Deus,
cearense,
mulher.
Filha única.
Filha de um professor de Educação Física.
Filha de um filho único...
Neta única por parte de pai.
(mimada?!).
Bailarina,
mas antes, estudante.
Inteligente e esforçada,
sincera e emotiva...
apaixonada.
Com um futuro incerto, mas confiante.
Eu sou Gabi.

Eu sou Gabrielle com dois “Ls” e um “E”. Reconheço quão desafiador é conseguir expor o seu eu de verdade, sem rótulos, sem máscaras. Quem eu sou? Admito que me encontro vivendo o incerto e buscando descobrir quem é essa Gabrielle que está vivendo um furacão em 2023.

Cresci com meus avós por parte de pai, em grande parte da minha infância, o que nos leva a acreditar que sim, eu fui/sou “paparicada”. Gosto e valorizo muito estar com minha família, e tenho uma relação com os meus pais que está em constante evolução. Eles são uma grande inspiração para mim na área profissional. Tanto meu pai quanto a minha mãe são professores e, durante minha infância, constantemente ia com

eles para o trabalho. Eu ia para fazer as minhas tarefas de casa e resultei por conhecer a rotina deles. Logo, a minha vivência e proximidade com essa profissão veio de forma “natural”. Minha mãe é pedagoga. Meu pai é professor de Educação Física, há quem diga que ao escolher o curso, eu estava seguindo os passos dele. Porém, ser profissional de Educação Física não era algo que eu almejava, para falar a verdade, até o final do meu último ano no colégio, cursar Educação Física não era uma opção. A decisão veio devido ao ballet, por gostar de saber e entender mais sobre o funcionamento corpo humano e também por gostar de me relacionar e ajudar as pessoas. Então, Educação Física passou a ser a melhor escolha. Mesmo a licenciatura não sendo minha primeira opção, a Educação Física me conquistou e me conquista gradativamente.

Eu sou Gabrielle Bailarina. Não sei de onde veio todo esse meu amor pela dança. Sempre gostei de dançar, até hoje, não posso ouvir uma música que sinto vontade de me mexer. Entrei no ballet aos 4 anos de idade e somente aos 11 me apaixonei por essa arte, pois fazia aulas de ballet em uma academia que só tinha os festivais de fim de ano, era tudo muito superficial, apenas uma atividade extra. Com 11 anos, mais amadurecida, tive a oportunidade de viajar para competir fora do estado e me encantei pela magnitude dessa arte. Por conseguinte, com 20 que eu percebi que eu não conseguiria viver sem ter o ballet na minha vida. Uma relação totalmente diferente com o meu mexer nas aulas de Educação Física. A Gabi bailarina é diferente de todas as outras. Ela é dedicada, esforçada, treina muito, estuda e se entrega por inteiro.

Eu sou Gabrielle Estudante. Antes de ser bailarina, já era estudante. Mas sem muitas expectativas para essa Gabi... Nunca fui estudiosa, embora muito inteligente. Meu pai costumava me perguntar de quem eu tinha colado nas provas, pois sempre tirava notas altas, mas não estudava, nem gostava. Tive a sorte de nascer com uma boa assimilação, e de gostar de prestar atenção a aula, então, basicamente, fazia as provas só tendo prestado atenção nas aulas e feito as tarefas. Faz-me lembrar de que desde a infância fui bastante estimulada por meus pais professores, facilitando meus processos de aprendizagem, e ligando à Venâncio (2019), quando fala que o entendimento sobre a relação com o saber de cada indivíduo depende do seu percurso (auto)formativo. Porém, com o passar dos anos, a quantidade de conteúdo foi aumentando e ao chegar no ensino médio, fase complicada dos adolescentes, esse processo foi ficando falho e, infelizmente, fui para recuperação em uma matéria por 0,3 décimos para a minha tristeza e a dos meus pais. Ao

entrar na faculdade, eu não tive muita escolha, tomei consciência da necessidade de estudar, mas ainda estou em processo para tornar isso um hábito.

Encarando a Gabi se percebendo adulta, resgato a intensidade de sentimentos vivos em mim. Esses, muitas vezes, refletem de forma negativa, pois tudo que eu sinto, sinto demais. O mesmo ocorre com a sinceridade, que é uma das minhas principais características, a qual por muitos anos, era encarada de forma negativa, pois por vezes, expressava-me de maneira até agressiva, e só dava conta disso quando alguém verbalizava se sentir ferido(a). Algo que mudou na minha rotina e influenciou diretamente essa questão, é a experiência e proximidade com Deus, pois foi conhecendo a palavra que aprendi que Ele já tem o tempo certo de tudo e além disso, estou aprendendo a ser uma pessoa mais calma, sem deixar os sentimentos tomarem conta de mim, ter mais domínio próprio. Tanto que, atualmente, está sendo bem mais fácil compreender essa intensidade. Tento analisar as situações, pensar e escolher a melhor maneira de agir.

Sobre o furacão que está sendo minha vida em 2023, começo explicitando que meus focos na rotina cotidiana e nesta pesquisa mudaram. Antes, eu tinha a dança como o centro e nada mais importava tanto, então a vontade de me formar foi tomando conta e eu fui priorizando a faculdade, deixando a dança totalmente em segundo plano. Em junho deste ano, Deus me presenteou com uma filha e um convite para que eu e o meu namorado construíssemos uma nova família. E então nos engajamos para viver algo novo, nos casarmos e assumirmos uma vida em Cristo. Gabrielle agora uma mulher casada, que carrega uma menina no ventre e deseja deixar a sua história com a Educação Física, como uma possibilidade de reflexão sobre os nossos atos.

Eu Gabrielle, mulher cristã, bailarina e (futura) profissional de Educação Física. Este último detalhe de mim, explicarei mais adiante.

Figura 1 - Três vezes eu: bailarina, cristã e professora



ATO II – Quando nasceu movimento em mim?

Minha história com o mexer-se deu início desde quando eu ainda estava no ventre da minha mãe. Por me mexer muito naquele pequeno espaço, me enrolei no cordão umbilical, e quase não sobrevivi até momento do parto. Foi a minha querida mãe que percebeu algo de errado e entrou em contato com a sua médica. Até hoje ela relata a história “Doutora, a Gabrielle não tá se mexendo”, então ela correu para o hospital com o meu pai e eu nasci de parto cesárea. Sou muito grata por ela ter sentido que eu tinha parado. Por eles terem plano de saúde e recurso imediato. Muitas mães não percebem seus filhos, nem no ventre, nem fora deles. Eles vão embora cedo... ou, elas ficam nas imensas filas hospitalares e ninguém enxerga a urgência.

Não sei bem os fatores que desenvolveram em mim essa característica de estar em movimento. Pode ser pelo fato da minha mãe ser uma mulher muito ativa, e sempre gostar de se manter ocupada de forma que o “mexer” dela tenha motivado, em seu ventre, o meu “mexer” ou, talvez seja uma característica passada pelo compartilhamento de genes entre nós, não sei... e quanto já conhecemos sobre estas conexões da vida no ventre de outro corpo?!

Posteriormente, com um ano e dez meses, eu ingressei no sistema básico de ensino, e trouxe esse corpo para as atividades escolares obrigatórias e não obrigatórias, nas quais nunca hesitei em participar. Dessas atividades, as que mais me cativavam eram as voltadas para o meio artístico, muitas peças teatrais, danças e até canções existiam nas apresentações do colégio. Eu frequentemente era convidada a participar de momentos de destaque e apresentações que não eram para a minha turma.

No início, por ser muito nova, minha mãe aceitava por mim. Ainda na Educação Infantil passei por um momento de revolta, não queria mais fazer. Lembro-me até hoje, era uma representação da Paixão de Cristo e eu fui convidada para ser Maria, mãe de Jesus, mas não aceitei, tudo que eu queria era fazer parte das pessoas que balançavam os ramos, junto com minhas amigas. Foi um momento de bastante crescimento pra mim, eu vi outra criança fazendo o papel de destaque que eu iria fazer. Minha mãe tinha tentado me convencer, mas aceitou minha decisão e no final, foi um grande aprendizado, eu precisava passar por isso. Logo mais, depois disso, eu aceitava tudo, sem nem precisar pensar, algumas vezes até pedia o papel, porque eu percebi que

eu realmente gostava desse meio de ensaios, apresentações, estar nos bastidores e não apenas na plateia. Cada momento era um aprendizado, sempre me reinventava e essa Gabi evoluía.

Aos quatro anos de idade, entrei para o ballet, pois meu pai era professor de futsal da mesma academia e eu podia fazer de forma gratuita. No começo, eu ia por influência das coleguinhas, o famoso “só vou se a fulana for”, eu não gostava muito, e sendo sincera, eu era a mais desengonçada da turma. Assim foi até os meus quase onze anos, quando eu tive o meu primeiro contato com os concursos de dança, presenciando um ambiente bem mais profissional e mais sério do que eu estava acostumada, ambiente esse que exigia uma maior qualidade dos movimentos e uma técnica mais refinada do ballet, além, é claro de uma maior dedicação e esforço. Mas por incrível que pareça, a dedicação, o esforço, a renúncia vieram de forma natural a partir do momento em que eu me apaixonava por essa arte.

Nesse mesmo ano, tive a oportunidade de viajar para Indaiatuba (São Paulo) e participar de um concurso internacional de dança, o *Passo de Arte Grand Prix 2009*. Nessa viagem eu lembro de sentir uma emoção, de me apaixonar pela dança e perceber meus olhos brilhando a cada apresentação, e assim eu descobri que queria isso para minha vida. E essa foi apenas a primeira de muitas viagens, lugares que conheci, experiências que vivi e oportunidades que conquistei por ter me comprometido com esse mundo. Até hoje sou apaixonada por essas sensações. Chegar no teatro, aquecer, fazer uma aulinha, ensaiar no palco, ser corrigida e ensaiar mais, ir para o camarim, comer, descansar e me preparar para a apresentação. Depois aquecer de novo, outra aulinha, passar as coreografias na cabeça, o frio na barriga antes de entrar no palco, ao entrar no palco é pé no chão e entrega total, para atingir o principal objetivo, fazer com que as pessoas sintam a história que está sendo contada por meio da dança.

Mas essa não foi a única dança na minha vida. Vou avançar para outros campos vividos.

Figura 2 - Cantando na apresentação do dia das mães do colégio (2003)



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 3 - Em uma aula de ballet com 6 anos (2004)



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 4 - No palco, dançando ballet clássico (2022)



Fonte: acervo pessoal da autora.

ATO III – Onde meu corpo mexe?

As aulas de Educação Física na escola, por muito tempo, eram consideradas uma mera atividade e não constavam no currículo escolar. Mesmo tempos depois, entre 2009 e 2012 (período do meu Ensino Fundamental II, no qual pude ser dispensada), já sendo obrigatória para crianças e adolescentes até 18 anos de idade como redigido na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 4024 de 20 de dezembro de 1961, artigo 22 – como cita Darido (2012), ainda é possível notar um menosprezo para com essa disciplina. Contudo, pude viver o desinteresse por essa disciplina. Como alguém com tanto apreço pelo mexer do corpo se ver incomodada diante dessa prática? Era um total desapeço. Por conseguinte, eu fui uma criança gordinha e sem muita destreza, acredito que isso me travava nas aulas de “recreação” do colégio. Eu sabia que não era a mais habilidosa nos esportes com bola, mas lembro gostar muito da brincadeira carimba (só de quando não estava com a bola na mão, sou seja, gostava de fugir dela) e bandeira. Mas quando lembro disso, vem em minha mente um sentimento de insegurança muito grande, um medo de errar, de perder, e com isso passar vergonha e me tornar assunto, piada ou motivo de *chacota*. Fazendo uma reflexão sobre o meu corpo nas aulas de Educação Física, antigamente chamadas de “recreação” no Fundamental I, começo a compreender que o medo do julgamento e a insegurança de não ser boa, ou errar algum movimento, isso tudo em conjunto, me distanciaram das quadras. Além disso, nesse mesmo período a paixão pela dança crescia. Eu estudava no período da tarde e as aulas de Educação Física eram no último tempo, minha maior vontade era de ir logo para as aulas de ballet, assim meu interesse em participar dessa aula só diminuía, causando posteriormente minha autoexclusão.

Passei todo meu ensino básico em um colégio particular, sendo bolsista, pois era filha de professor. No mesmo, embora o conteúdo das aulas fossem bem diversos, nos jogos internos nós não transitávamos por muitos esportes, eram somente vôlei e futsal. Deixo aqui registrado que eu já participei da escolinha de vôlei, com mais ou menos 8 anos de idade e da escolinha de futsal com 13/14 anos, ambas no próprio colégio, mas em nenhuma das duas eu mantive constância, pois preferia a dança. Também já pratiquei natação por 3 anos na academia que eu dançava, essa foi a modalidade que mais perdurei fora o ballet. Refletindo agora me pergunto: “será que se eu tivesse tido a oportunidade

de experimentar outros esportes eu teria me interessado mais pelas aulas de Educação Física?”.

Ao ler Millen Neto et al (2010), afirmo que a resposta é não, pois os autores citam que a falta de interesse está diretamente ligada ao nível de habilidade, sendo esse relacionado às experiências anteriormente vivida pelos(as) estudantes. Continua, com o fato das experiências serem negativas serem devido ao medo de errar. Para tanto, no meu caso, também era intenso a falta de significado da disciplina acarretando um grande apreço pela dispensa (Betti; Zuliani, 2002).

Apesar de tudo, eu tive algumas experiências. No período do Interclasse (jogos internos), eu não queria ficar de fora, minhas amigas me apoiavam e me faziam sentir parte do time, mesmo ficando (e querendo ficar) na reserva na maioria das vezes. No colégio particular que eu estudava, a divisão dos jogos era assim, no Fundamental I as meninas só podiam jogar vôlei, podendo ser um time somente de meninas ou misto; no Fundamental II ao Médio as meninas podiam ter time de vôlei e futsal. Nesses momentos, eu sempre me fazia presente, mas quando era uma aula, eu fazia de tudo para não precisar comparecer. Não sei porque as aulas eram tão desinteressantes para mim e o evento esportivo tão atrativo. Em busca de algum sentido, relaciono o meu mexer com algo que eu via relevância. Fazer ballet era importante para mim, participar dos eventos esportivos da escola era importante para mim, estar presente nas aulas de Educação Física NÃO era importante para mim, ao meu pensar, eu não precisava daquele conhecimento e vivência, não fazia sentido.

Foi no meu 7º ano do Ensino Fundamental II, que surgiu a possibilidade de ficar de fora das aulas práticas de Educação Física, e eu não pensei duas vezes, era tudo que eu queria, não precisar fazer essas aulas. Nessa época, eu dançava ballet e jazz em uma academia de dança, a mesma em que iniciei o ballet. Ocupava todas as minhas noites da semana; como se já não bastasse, a dança envolvia também os meus sábados e alguns raros domingos. Eu já participava de competições com seriedade e envolvimento, um comprometimento grande. Então, eu mostrava para a coordenadora a minha frequência mensal das aulas de dança na academia e era “dispensada” das aulas práticas da Educação Física Escolar, porém, eu precisava participar das aulas teóricas e realizar as provas, obviamente. Assim segui por um ou dois anos, quando essa ação se extinguiu, e eu voltei a ser obrigada a participar de todas as aulas de Educação Física prática. Porém, essas aulas foram insignificantes para mim, considerando o fato de que tenho poucas lembranças.

Quando penso em Educação Física na escola lembro-me dos momentos de dispensas, aulas teóricas e alguns raros momentos em quadra.

No contexto atual, quando revivi essas experiências para escrever, tomei consciência súbita de “tudo” e de modo muito triste para/em mim, percorreu na minha mente que eu tinha uma visão errada da importância da Ed. Física na escola. Minha visão de adolescente era de que a disciplina só servia para espalhar, fazer os alunos se movimentarem, e como eu já tinha esse movimento que era a dança, eu me achava no direito de não fazer as aulas. Então me questiono, “de onde veio minha visão em relação à Educação Física escolas? A quem coube a decisão de estudantes ficarem de fora por quererem ficar de fora? Por que isso acontece na disciplina de EF e não em outras disciplinas?

Em minha atual conjuntura, como futura professora de Educação Física, não deixaria isso passar sem ao menos alertá-los. Explicaria tanto para os alunos quanto para a gestão da escola que a Educação Física é uma disciplina como qualquer outra.

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. Esse universo compreende saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orienta as práticas pedagógicas na escola. Experimentar e analisar as diferentes formas de expressão que não se alicerçam apenas nessa racionalidade é uma das potencialidades desse componente na Educação Básica. Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde. (Brasil, 2018, p 213)

Figura 5 - Com a minha turma do 5º ano durante os jogos internos (2008)



Fonte: acervo pessoal da autora.

ATO IV – Por que (não) mexer na aula?

Em 2016, iniciei a licenciatura em Educação Física numa instituição privada, pensando em trabalhar somente com dança e assim poder colocar todo conhecimento de corpo e movimento em prática. Mas pude perceber que existia um mundo de possibilidades para se trabalhar na área e entendi a importância desses profissionais da saúde e dos professores, se referindo como educadores para a sociedade como um todo. Esse momento foi um divisor de águas na minha trajetória como futura profissional, pois, a partir daí, pude ampliar meus olhares e refletir sobre a minha vida em conjunto com Educação Física.

Em 2019, conquistei a transferência para a Universidade Federal do Ceará (UFC) dando sequência aos meus estudos numa instituição pública. Nesse mesmo ano e semestre, fiz a disciplina de Estágio Supervisionado – Licenciatura: Conhecimento e Investigação da Realidade, e foi quando relacionei o que eu vivi como estudante na escola com o cenário recorrente de crianças e adolescentes fora das aulas de Educação Física, se autoexcluindo e sem demonstrar interesse algum em participar. Uma pergunta veio à tona, quando percebi tamanho desinteresse dos alunos do Ensino Fundamental II diante de aulas tão diferentes como badminton e voleibol sentado; já com os alunos do Ensino Médio, embora também existisse o desinteresse, não tinha diversidade de conteúdos, e as aulas acabavam sendo no estilo aula livre, uma parte da quadra ficava para quem queria jogar vôlei e outra para quem preferia o futsal, e ainda tinham alguns estudantes que ficavam nas arquibancadas conversando, ouvindo música, dançando... O que despertou esse desinteresse diante de cenários tão diferentes de aulas?

Meus novos olhares fizeram-me questionar os motivos pelos quais os(as) alunos(as) optavam por evadir das aulas de Educação Física na quadra. Vale destacar, que o meu questionamento veio da observação de todos os níveis de ensino, porém, no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio foram os que mais me sensibilizaram para o assunto da evasão, devido a relação com as minhas experiências.

Priorizo, que de 2009 à 2015, anos em que eu cursei o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio, Darido (2012) afirma que estava em vigor a Lei de Diretrizes e Bases que tornava obrigatória a disciplina de Educação Física na escola. Todavia, essa lei tinha exceções, as quais tornava facultativa a aula para alunos(as) com certas condições:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – (VETADO) VI – que tenha prole. (Brasil, 2003, *apud* Darido 2012, p. 31).

Com base nisso, hoje sei que a minha situação não era amparada pela lei, foi apenas uma decisão equivocada e arbitrária que o colégio adotou, no meu caso e de outros estudantes que praticavam atividades extra escolares. Este cenário não foi pontual, deve ter durado um ou dois anos. Atualmente, como estudante de licenciatura em Educação Física, eu me pergunto porque ninguém me alertou e advertiu sobre a importância da Educação Física na educação básica quando eu era adolescente. De quem era essa responsabilidade? Da escola? Do professor? Será que alguém me advertiu e eu nem lembro? Por que simplesmente alunos e alunas podem ficar de fora das aulas de Educação Física, mas não podem ficar de fora de nenhuma das outras disciplinas? Será que enxergam a Educação Física como uma matéria que não tem importância como eu mesma também via?

Em 2022.2 e 2023, pude vislumbrar uma Educação Física escolar bem mais próxima do que nós, futuros(as) professores(as), devemos implementar, englobando o interesse e a relevância por todos os nichos da escola (professores, estudantes e gestão).

Em 2022.2, cursei a disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Médio e EJA (Educação para Jovens e Adultos), e tive como professora supervisora a professora Samara Moura, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Dessa relação, destaco pontos que me chamaram bastante atenção de forma positiva; o respeito mútuo entre professores(as) e alunos(as), o método avaliativo da disciplina e a inclusão dos alunos(as) que buscavam ficar de fora. Quando um(a) aluno(a) avisava a professora que não poderia participar da aula, a mesma ampliava o seu olhar para com as possibilidades presentes no contexto e o inseria de forma prática e atrativa, exemplifico uma atividade de vôlei na quadra, em que alguns não queria/poderiam participar por devida patologia, a esses(as) estudantes era determinado a função de árbitro. Em outra aula, foi sugerido aos(às) alunos(as) não participativos filmarem os colegas para uma posterior revisão da devida aula.

Meu Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental II, realizado em 2023.1, foi outro caso que contrapõe meus momentos de inquietude e questionamentos a respeito de estudantes que escolhiam não participar. No mesmo, a nossa professora supervisora,

Eloana Damasceno da Escola Municipal General Manoel Cordeiro Neto, sempre respondia a esses(as) alunos(as) que as atividades das aulas de Educação Física eram como qualquer outra atividade de outra disciplina, e que não era uma opção do(a) mesmo(a) querer ou não. Em alguns casos ela questionava: “você diz para professora de português que não quer fazer a tarefa de classe?” e as reações dos(as) alunos(as) eram de surpresa, pois a desvalorização da Educação Física na escola já era tamanha que quando alguém lhe mostra o contrário, ascende uma luz mostrando um novo caminho, um novo pensamento, um novo olhar. Vivenciei também com a mesma professora outra situação que demonstrou pulso firme, paixão e valorização pelo seu trabalho. Uma professora de outra disciplina quis deixar um aluno sem a aula de Educação Física, pois o mesmo não tinha se comportado bem durante sua aula, mas a professora Eloana não permitiu, a Educação Física é uma aula como qualquer outra sendo dever do(a) aluno(a) participar, interagir e aprender por meio dela, tornando-se inadmissível a utilização de forma punitiva.

Contudo, diante dessas novas vivências com a Educação Física Escolar, reconheço que ainda existem pessoas que lutam pela valorização da disciplina. Mesmo em realidades completamente distintas, (Samara, professora do IFCE, tinha uma vasta disponibilidade de materiais e acesso à piscina para suas aulas; já a professora Eloana, necessitava de adaptações por ter uma quantidade precária de materiais na escola municipal) ambas desempenham seu trabalho de maneira excepcional. Através de atitudes em seus cotidianos, determinam uma Educação Física com sentido e finalidade, não só dentro da escola, mas em todo contexto da vida dos que dela rodeiam. Revelo então, que pode e deve partir de mim dado valor para com essa disciplina, sendo mediante de verbalização ou de atitudes como fizeram essas maravilhosas mulheres. Como futura professora é também minha responsabilidade demonstrar aos outros (discentes, docentes e gestão) que a Educação Física faz diferença dentro da escola, evidenciando mudanças significativas no processo formativo dos indivíduos.

Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como fenômeno cultural dinâmico, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. Desse modo, é possível assegurar aos alunos a (re)construção de um conjunto de conhecimentos que permitam ampliar sua consciência a respeito de seus movimentos e dos recursos para o cuidado de si e dos outros e desenvolver autonomia para apropriação e utilização da cultura corporal de movimento em diversas finalidades humanas, favorecendo sua participação de forma confiante e autoral na sociedade. (Brasil, 2018, p 213)

Figura 6 - Aula de beach tênis no estágio supervisionado obrigatório IV (2022.2)



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 7 - Aula de grafite no estágio supervisionado obrigatório III (2023.1)



Fonte: acervo pessoal da autora.

ATO V – O que eu vejo diante do palco-cenário?

Na minha trajetória escolar, foi notável que a disciplina de Educação Física na educação básica era a única na qual os(as) alunos(as) podiam ser “liberados”. Nas disciplinas como Matemática, Português, Geografia e/ou Ciências era inexistente a possibilidade de um(a) estudante ficar isento das aulas por apresentar um atestado ou declaração. Além disso, havia também o fato de que tais disciplinas possuíam uma quantidade maior de aulas semanais, enquanto as aulas de Educação Física contavam com apenas uma hora/aula semanal. Diante disso, qual é então o papel da Educação Física na escola?

Quando eu nasci, em 1998, estava em vigor a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) promulgada em 1996, que ressaltava uma maior flexibilidade tanto do professor quanto da gestão escolar. Trazendo também, pontos que caracterizavam as aulas de Educação Física como optativas para determinados casos, caracterizando negativamente que, segundo Souza Jr.; Darido (2009), essas ocasiões não tinham critérios e análises bem definidos para concretizar esses fatos.

Com a criação do atual documento oficial norteador em 2018, chamado de Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Educação Física Escolar como componente curricular foi organizada em unidades temáticas, sugerindo para os professores(as), campos de estudos a serem estudados em cada nível de ensino (Silva; Ferreira; Silva, 2021, p.22). O mesmo, possui 10 competências gerais da Educação Básica, 06 competências específicas de linguagens para o Ensino Fundamental (ensino de destaque nesse trabalho) e 10 competências específicas para a Educação Física no Ensino Fundamental e; da definição das Unidades Temáticas do componente curricular Educação Física com: jogos e brincadeiras, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura.

Tal documento, deveria servir apenas para nortear, pois acho pertinente esse auxílio para os(as) professores(as) planejarem suas aulas, mas também precisam entender as necessidades da turma e dos(as) discentes para atingi-los de forma positiva, buscando contemplar uma vasta diversidade de conteúdo afim resultar num pleno desenvolvimento. Portanto, destaco que, com a professora Samara Moura, no estágio, compreendi que a BNCC se constitui dentro de uma política neoliberal, da pedagogia das competências, de

uma educação bancária se colocando com um retrocesso histórico para a EF diante de seu escamoteamento (secundarização, diminuição da carga horária). Inclusive o conhecimento sobre dança se põe em território de disputa junto a área de Artes (Jucá; Maldonato; Barreto, 2023).

Na minha época de estudante, nunca tive conhecimento de que estes conteúdos poderiam ter sido desenvolvidos na escola; a Educação Física para mim, no Ensino Fundamental II, era apenas futsal, vôlei e algumas brincadeiras competitivas, não tinha um significado ou um propósito, servia somente para “mexer o corpo”, ao meu ver. Nunca cogitei que aquelas aulas poderiam ser importantes na minha formação e eu, simplesmente, escolhia não ir.

Oliveira (2014), cita a necessidade de existir uma Educação Física para além do esporte. Diante disso, o mesmo caracteriza algumas problematizações que se destacam dentro do ambiente escolar. Estas por consequência, podem definir o (des)interesse do alunado frente aos contextos de aula de Educação Física.

Alguns exemplos experienciais poderiam ser citados: a supervalorização do ginásio esportivo para as aulas práticas (espaços que sempre considerei inumano, morto, desprovido de vida, e não só pelas suas más condições, mas pela lógica esportiva imbricada, amarrada, inflexível); a supervalorização das disciplinas esportivas; a supervalorização do esporte na universidade frente à outras manifestações corporais [...] (Oliveira, 2014, p. 72).

Como atual estudante e tendo, dentro de casa, uma referência profissional da área, que se formou a quase três décadas atrás, posso perceber as diferenças. Entretanto, afirmo que meu exemplo (meu pai) estava sempre se reciclando, e procurando fazer com que a Educação Física tivesse sua devida importância dentro do ambiente escolar, tratando-a de forma totalmente inclusiva, participativa, cooperativa e utilizando muito bem suas duas horas de aulas semanais com turmas de Ensino Fundamental II da rede pública, sempre integrando as dimensões teóricas e práticas.

Como professores (já me incluindo na profissão), é nosso dever diversificar conteúdos afim de ampliar o conhecimento dos alunos a respeito de práticas corporais, destacando o respeito para com outras culturas, práticas e essências.

Betti et al. (2014) afirma que é necessária a conexão da EFE com a vida social do sujeito para que haja a emancipação e autonomia do mesmo, podendo então o ser fazer

escolhas, pronunciar-se, e saber-se no e com o mundo de maneira sensível, crítica e ética.

Os autores apontam também para algumas adversidades da sociedade:

1º – Educar os alunos para as dimensões éticas e políticas: a inter-relação entre o eixo dos conteúdos da EF e o eixo temático (Organismo Humano, Movimento e Saúde; Corpo, Saúde e Beleza; Contemporaneidade; Mídias; Lazer e Trabalho) pode fomentar esse processo de modo diversificado e atualizado.

2º – Ensinar considerando as idiosincrasias dos alunos, caracterizadas pela diversidade cultural: a diversidade de experiências e significações vividas pelos sujeitos deve ser promovida, no sentido de fomentar a criticidade em face dos padrões culturais homogeneizadores que limitam o SM.

3º - Fomentar possibilidades de comunicação e autoconhecimento por diversas formas de linguagens: as experiências corporais não se comunicam facilmente pelo discurso escrito ou falado, e implicam dimensões subjetivas do humano (Betti et al., 2014).

Diante desse cenário, e vivendo esse semestre cercada de profissionais incríveis, acredito que ainda temos muitas barreiras a ultrapassar e muitos paradigmas a quebrar, mas considero que estamos caminhando. Eu que fui uma aluna que fugiu da Educação Física, quero ser uma professora que convida, que faz vir, que encontrará alunos e alunas em diferentes espaços para aprender e conviver.

Figura 8 - Momento de intervenção no estágio supervisionado obrigatório IV (2022.2)



Fonte: acervo pessoal da autora.

Figura 9 - Momento de intervenção no estágio supervisionado obrigatório III (2023.1)



Fonte: acervo pessoal da autora.

BASTIDORES DA ESCOLHA METODOLÓGICA

Esta pesquisa configura-se a partir de uma perspectiva qualitativa, cujo olhar direciona-se a interpretação abstrata dos fenômenos; podendo, assim, contribuir para a justiça social, de forma a identificar diferentes definições de um problema e/ou de uma situação, tendo em vista a necessidade de mudança (Denzin, 2018). Mais especificamente, este trabalho recorre a Autoetnografia Performática, a qual, parte das narrativas de experiências pessoais e amplia as reflexões para a dimensão cultural, histórica e coletiva (Raimond, 2019).

O presente trabalho evidencia a Autoetnografia Performática para documentar e supor uma política de possibilidades para o tema nele problematizado. Tratando-se uma abordagem centrada na performance, utilizará a escrita em forma de cartas para expor compreensões e inquietações sobre o reconhecimento ou não do (des)interesse acerca das aulas de Educação Física.

Para entendermos primeiramente, a autoetnografia, faço reflexões baseadas em Raimond (2019). O “auto”, remete de forma simples, às “escritas das próprias pessoas” que configura uma intimidade do indivíduo com o estudo, deixando de fora a posição de neutralidade no processo da pesquisa. No campo das ciências sociais, as possibilidades científicas de produção do sujeito pesquisador a partir das narrativas pessoais, foi mudando ao longo dos tempos em abordagens como: etnobiografias, etnografias autobiográficas, etnografia pós-modernas, entre outras (Raimond, 2019).

Entretanto, o mesmo autor enfatiza que a Autoetnografia Performática tem como principal característica a (inter)(intra)relação entre o pessoal (sujeito) e a cultura (tema de problematização). Para Raimond (2019), é importante destacar a relevância da contextualização e da historicidade das produções, para garantir o caráter contingencial, circunstancial e autêntico à escrita, trazendo uma potência para o lugar de fala e assim, nos distanciarmos de uma cultura dominante, cristalizada, hegemônica e fixa. Para além disso, essa abordagem configura uma leitura empática, convidando o(a) leitor(a) para o exercício de conviver, sentir, aprender e afetar-se.

Para tanto, retrata-se a Autoetnografia Performática como uma pesquisa que considera questões negligenciadas em seus próprios contextos de inserção, levando a possíveis mudanças no cenário das justiças sociais de forma positiva e ampliando o

interesse teórico e crítico, afim de conceder um valor político na exposição de certas subjetividades e da interação entre cultura, sociedade e subjetividade da construção do “ser”, por meio da escrita. A mesma, se compromete politicamente a promover espaços para debates e diálogos, investigando e fomentando mudanças sociais, visto que é uma prática relacional (RAIMOND, 2019). A visão do autor destaca que:

Assim, a autoetnografia não é uma prática solitária e egoísta, mas relacional, visto que problematiza as representações da cultura ao localizar a experiência individual em diálogo, em tensão, com expressões de dominação, de poder hegemônico. Por isso, ela evoca a natureza corporal, sensorial e política da experiência, ao propor uma teoria e método de pesquisa que conecte a política, a pedagogia e a ética em ação no mundo. Movendo-se do pessoal para o político, explicita-se que as emoções são importantes para a teorização e entendimento das relações do *self*, do poder e da cultura. Sendo que estes elementos postulam o desafio do movimento e do ato de equilíbrio, não estático, entre eles ao longo do processo de reflexão e escrita, promovendo um pensar e repensar de nossas posições e compromissos (p. 72).

Por que “Performática”? Confesso que iniciei a elaboração desse trabalho sem entender ou saber o significado desse termo. “Sofria” a interferência dos conceitos da minha referência, que vinculava a performance ao palco, a dança e ao desempenho. Ao decorrer das leituras, pude entender a performance nesta metodologia, se define em movimento multidirecional e performático da imitação para a criação e o dinamismo (RAIMOND, 2019).

A Autoetnografia Performática relata e explicita, de uma forma viva, as problemáticas que fazem relação com a história vivida pelo escritor(a)/pesquisador(a), afim de alcançar uma justiça social que gere efeito em questão da dignidade e do respeito para todas as pessoas. Nesse caso, essa abordagem pode contribuir para uma reflexão mais ampliada a respeito dos processos de resistência a um documento como a BNCC, a qual limita o que um ser humano pode fazer durante a escolarização, em competências e habilidades previamente definidas.

O mesmo autor esclarece, escrever performaticamente é como uma escrita que relembra acontecimentos e emoções, que, por muitas vezes, são intangíveis, enchendo o nosso mundo de memórias, prazeres, sensações, afetações e *insights*, por meio da possibilidade de uma interação entre linguagem e experiência, assumindo um papel de observadora imparcial apresentando descasos (Freire, 1996), e fazendo-se diferente, a partir de concepções vividas. Por causa disso, é viável (quase inevitável) a utilização da

metonímia e da metáfora nesse tipo de escrita. Assim, a categoriza como uma escrita considerada transgressora e nervosa.

Nervosa não apenas porque pode conter sentimentos de ira, angústia e ansiedade, ou mesmo a totalidade de meus e nossos anseios; nervosa não apenas na expiação proveniente de posições de injustiça; nervosa não apenas por um sentimento de isolamento, que vem pelo fato de não pertencer ou caber na estrutura de ensino, saúde, segurança pública, entre outros. Ela é nervosa porque opera por “retransmissão sináptica”, puxando um momento para outro, constituindo conhecimento em um processo contínuo de transmissão e encaminhamento, encontrando no jogo amplo da textualidade uma urgência que mantém o que liga o viajante a seu curso, como uma carga elétrica para o seu condutor (Raimond, 2019, p. 76).

Nessa perspectiva, fui puxando ATOS, revivendo e identificando minhas sinapses, registrando minha textualidade sobre a urgência de explicitar o desinteresse para com a Educação Física escolar fazendo assim com que ela não seja um espaço de despreço, mas de encontro.

CARTAS EM CENA

A partir da (re)vivência da Educação Física na minha vida, escrevi três cartas inspiradas nas inquietações que emergiram do meu conturbado percurso de autoexclusão. Desejo inspirar outras “performances” para alunos(as) que ainda não sabem ou não encontram sentido em “estar” presentes nas aulas (práticas) da Educação Física Escolar. Desejo inspirar também, professores(as) que se sentem acomodados(as) e sequer planejam, não se reciclam ou não reconhecem as individualidades dos(as) seu(suas) alunos(as) e, ainda desejo iluminar a gestão das escolas a deixar de negligenciar a nossa disciplina.

CARTA I

Aos alunos(as) do ensino fundamental II, que (ainda) não sentem vontade de participar das aulas de Educação Física

Eu entendo... sei que é ruim fazer algo que vocês não veem sentido...

Acreditem, eu já passei por isso!

Mas hoje, olhando pra trás, sinto falta e lamento as minhas ausências...

Sinto por ninguém ter me alertado sobre a importância dessa disciplina na minha vida. Ou por nem lembrar se alguém me alertou e eu não ouvi.

Por vezes, a gente nega os conselhos, fecha os olhos e nem abre os ouvidos.

Sei, não adianta eu gritar, mas num gesto de esperança, eu jogo meu conselho no ar!

Desejo que vocês se abram a participar, experimentar e aprender tudo que a Educação Física tem para oferecer.

Esta disciplina na escola não é só quadra e bola, não é somente se exercitar.

Porque todo movimento, desde que você foi gerado, está relacionado com essa disciplina. Ritmo: acelerado, lento, equilibrado, descompassado... oscilações que, não só estão presentes no teu corpo quando você dança ou joga, elas revelam o ritmo da vida.

Por favor, coloque a mão no peito, sinta, o teu coração está em compasso? Puxe o ar sem perder o fôlego e continue... Quanto tempo você resiste? Consegue movimentar-se sem se preocupar? Aprendeu a brincar, correr, saltar, girar, arremessar, passar, parar e ultrapassar?

Se temos experiências, ampliamos repertórios; se conseguimos o controle de membros e tronco, se elaboramos uma relação construtiva a respeito dos próprios corpos, se exploramos a nossa potencialidade e criatividade, coisas incríveis acontecem!

Você já parou para pensar o que pode um corpo? Consegue imaginar a grandiosidade disso?

Permita-se participar e dividir momentos com os(as) colegas e os(as) professores(as), desafiar-se te ajudará a entender a si mesmo, suas preferências, habilidades, medos e anseios podem ser identificados e controlados, abrindo oportunidades para descobrir novos caminhos e existir como corpo. O mundo é grande demais. Não deixe que o medo de errar ou medo do que as pessoas vão pensar/falar te impeça de experimentar. Como você vai saber se gosta ou se não gosta se não tiver

novas experiências? Se permita não saber, para sim, aprender; se permita tentar, errar, tentar de novo e de novo, e de novo, e então, por fim, acertar.

O conhecimento é como uma porta que ao abri-la você pode se deparar com o mundo inteiro bem na sua frente. A escola e seus(suas) professores(as) são um grande auxílio nesse processo, mas, no fim, a ação de abrir a porta e seguir em frente só depende de você.

*Com esperança,
Gabrielle Nogueira Carneiro Cruz*

CARTA II

Aos professores e professoras de Educação Física que se acomoda(ra)m, não planeja(ra)m e não (ainda) se compromete(ra)m com o ensino com qualidade

Primeiramente constato: “sei que não é fácil”.

Acolho as tuas angústias, vazios e cansaços. Te convoco para que veja e aja fora da quadra, fora até mesmo dos muros das escolas. A se desamarrar do sistema de ensino que demorou historicamente a reconhecer a Educação Física como uma disciplina de valor.

Você escolheu a docência por quais razões? Olhe para elas, se agarre nelas!

A partir do momento em que você se compromete a ensinar, você tem vidas e futuros nas mãos. Por isso é importante aprender a ouvi-los(as), perceber suas atitudes e gestos, nos silêncios e na imobilidade, buscando intimidade e compreensão desse ser. Desse modo, será mais fácil colaborar na sua formação.

Quem não se empolga ao saber que contribuiu com o crescimento de outrem? Saborear a experiência de escutar: “Consegui!”; “Eu nem sabia que eu podia fazer isso!”

Escutar exclamações enunciadas, em tons de surpresa, por aluno(as) que se descobrem a partir do mexer-se é imensamente gratificante para nós. Ver os olhos brilhando, no interesse genuíno, no esforço e dedicação, na parceria consolidada após o progresso quando um ajuda o outro. Te pergunto, você já sentiu isso?

Não posso deixar de falar, seja apaixonado... para isso, há uma necessidade de entender o outro, perceber as idiossincrasias dos(as) seus(suas) alunos(as). Tenha zelo desde a escolha do conteúdo até a maneira como você, professor(a), se comunica com seus(suas) aluno(as).

E por que não incentivar a participação dos(a) alunos(as) na hora de apresentar os conteúdos a serem abordados ao longo do ano. Podemos navegar pela longa lista de modalidades existentes afim de ampliar o máximo possível a gama de seus conhecimentos e experiências.

Reafirmo, essa profissão, é de uma imensa responsabilidade. Gosto de dizer que você não a escolhe. Ser professor(a) é algo que vem de dentro, visceral, que desponta como o nosso sangue circulando nas veias.

É essencial que esteja junto dos(as) alunos(as), dos(as) outros(as) professores(as) e/ou da gestão da escola, se posicione a respeito da sua relevância (com muita educação é claro).

Quero deixar aqui inspirações, primeiramente sugiro dois vídeos de professoras premiadas que explicitam múltiplos significados e sentidos da Educação Física Escolar.



Prêmio Victor Civita 2013 -

Jacqueline Cristina Jesus...

NOVA ESCOLA • 4,1 mil visualizações

PROJETO: Ginásticas: saúde e lazer x competição Os comentários sobre as características físicas dos colegas eram muito presentes...

3:06

Professora Jacqueline Cristina Jesus Martins, aliou o aprendizado sobre diversos estilos de ginástica a uma reflexão sobre o corpo e o respeito às diferenças com estudantes do 5º ano de uma escola pública do estado de São Paulo. Proporcionando para alguns a possibilidade de entrar pela primeira vez em uma piscina.

https://www.youtube.com/watch?v=Lm11ZwpBc_c



TV PARTICIPATIVA

Prefeitura de Araraquara • 609 visualizações

Nossa Gente 🍌🍌🍌 Conheça neste quarto episódio do Nossa Gente, um pouco da história e da batalha da jovem professora,...

6:57

História e batalha da professora Cristiane Pereira de Souza Francisco que desenvolveu o projeto "Bolinha de Gude: descobrindo outras formas de ensinar, aprendendo outras formas de aprender" para alunos do Ensino Fundamental I numa escola pública do estado de São Paulo.

<https://www.youtube.com/watch?v=Tky8c08a0-4&t=166s>



Por fim, para inspirar possibilidades, compartilho um material produzido pelo meu grupo de estágio, durante a disciplina de estágio supervisionado no ensino médio (estágio 4, realizado em 2022.2). Ele possui três cartilhas com curiosidades sobre os esportes de areia e uma cartilha com questões geradoras, afim de desenvolver um olhar crítico e social dentro do contexto esportivo, utilizando-se de falas de personagens que fazem parte das experiências pessoais dos(as) estudantes.

Curiosidades do Beach Tennis

Origem
Surgiu na província de Ravenna, na Itália, em 1987. Somente em 1996 suas regras foram padronizadas pela Federação Internacional de Tênis (ITF). No Brasil o esporte foi disseminado apenas em 2008, no Rio de Janeiro.

Mesclagem de esportes
É uma mistura do tênis tradicional, vôlei de praia, badminton e futsal. Ainda assim, possui características próprias.

Tipos de jogos
Os jogos são divididos em simples masculino e feminino, duplas masculinas e femininas e duplas mistas.

Quadra
Em jogos simples, com um(a) único(a) jogador(a) em cada área, a quadra apresenta as dimensões de 16 metros de comprimento e 4,5 metros de largura. Em jogos de dupla o comprimento da quadra permanece o mesmo, porém, a largura passa a ter 8 metros para que a dupla tenha mais espaço.

Ponha-se no seu lugar, seu(sua) insolente!

Xi no Beach Tennis?

Curiosidades do Vôlei de Praia

Saques
Aqui a velocidade de um saque pode chegar aos 100 km/h.

Brasil
Com o vôlei de praia o Brasil participou de todas as Olimpíadas, subindo ao pódio em todas elas.

Popularedade Mundial
O vôlei de praia é o segundo esporte mais praticado em todo mundo, atrás apenas do futebol.

Salto
Em uma partida de três sets um(a) atleta realiza 300 saltos em média.

Oiha só, uma pessoa mais baixa que eu!

Falar daí de fora é fácil, quero ver entrar aqui e jogar!

Curiosidades do Handebol de Areia

Tiro de arbitro
Na quadra, cada equipe sai com a bola em um tempo. Na areia, a saída é dada com um tiro de arbitro(a) (bola ao alto) no centro da quadra, em ambos os sets.

Tempo de jogo
São dois sets de 10 minutos, podendo haver um set de desempate, chamado de "Shoot out".

Impossibilidade de empate
Caso um set termine empatado é dada uma nova saída de bola para ser decidido no "gol de ouro". Caso cada equipe ganhe um set ocorre o "shoot out" (uma espécie de pênalti em movimento).

Assimetria ataque x defesa
Se na quadra jogam 6 x 6 na linha, na areia o(a) goleiro(a) sempre vai ao ataque, proporcionando um ataque de 4 jogadores(as) contra 3 defensores(as).

Ponha-se no seu lugar, seu(sua) insolente!

Au-ai!

Aposto que você não conhecia nenhuma dessas curiosidades!

Questões geradoras

1
É possível notarmos na fala de Ryomen Sukuna um tom de superioridade, capaz de reforçar a presença de uma hierarquia perceptível em seu universo fictício. Visualizando os esportes de alto rendimento, você consegue perceber a presença da hierarquia? Se sim, como? Você considera essa hierarquia importante para os esportes de alto rendimento? Se sim, por quê?

2
Já Shoyo Hinata traz em sua colocação uma característica física que na maioria das vezes é determinante para a iniciação e/ou permanência no esporte, a estatura. No ambiente escolar, você já presenciou alguma(s) situação(ões) em que a estatura foi empecilho para a prática esportiva? Se sim, como foi? Para você, essa(s) situação(ões) pode(m) continuar a acontecer na escola? Justifique.

Oiha só, uma pessoa mais baixa que eu!

Busquem outras referências! Para que se sintam inspirados(as) a inspirar novas performances discentes. A Educação Física deve ser notada e você é o(a) principal porta-voz desse fato. Faça diferente, não seja indiferente!

Com respeito,

Gabrielle Nogueira Carneiro Cruz

CARTA III

A gestão escolar, a qual permite a ausência dos alunos e alunas nas aulas de Educação Física, que, de alguma forma, usam essa aula como espaço-tempo punitivo e/ou para outras atividades.

A Educação Física na escola não é, nem deveria ter sido, disciplina optativa, porque há vários caminhos para o desenvolvimento pleno que só alcançamos se estamos vivenciando boas e seguras experiências de movimento, quando sabemos que movimento fazer, porque e como. Esse contato com o mexer-se nas aulas de Educação Física é uma necessidade e obrigatoriedade, na verdade, a escola não deveria acontecer predominantemente nas carteiras e entre quatro paredes...

Posso admitir que o descaso com a disciplina decorre muito do nosso sistema educacional, que prioriza matérias como matemática, português... isso compromete toda a organização formativa, fazendo com que muitas vezes, as aulas de Educação física sejam substituídas por momentos de revisão para as provas, ensaios para festividades e treinos para os jogos.

Para sermos justos, poderiam utilizar também o momento de outras disciplinas para essas ocupações. Outra coisa bastante comum de acontecer é a decisão de deixar o(a) aluno(a) sem a aula de Educação Física, como punição por ações disciplinares, ou mesmo de descartar a disciplina por motivos de espaço físico, mudança de clima ou pelo discurso que já estão cansados. É inaceitável!

Aula de Educação Física não é só brincar e não é lazer. A Educação Física na escola é um momento potente de interação, de experimentar novas práticas, de zelar e possibilitar o desenvolvimento pleno do indivíduo como corpo.

É dever da gestão apoiar o trabalho decente e preocupar-se com a ausência dos(as) educandos(as) nessas aulas para somente assim, contribuir com a plenitude da formação.

Com súplica,

Gabrielle Nequeira Carneiro Cruz

GRAND FINALE

Buscando consolidar a minha mensagem sobre a importância das aulas de Educação Física, finalizo lembrando novamente “como” essa disciplina permeou a minha vida.

Nesse trabalho demonstrei que o meu processo não foi linear, e muito menos crescente em apreço e interesse por essa disciplina. Tranquilizo que, em tudo na vida, teremos altos e baixos, momentos muito bons e momentos que gostaríamos de não ter vivenciado, mas nada é em vão...

A esperança se expandiu almejando um processo construtivo e valoroso, no qual professor(a)s e aluno(a)s crescem e se desenvolvem juntos, uma via de mão dupla: tanto o professor(a) repassa seus saberes como o(a) estudante interessado agrega ao explicitar seus conhecimentos prévios e questionar pontos relevantes. Como futura professora, desejo mais interesse por aprender e participar.

Aos(as) colegas de profissão, comunico-me com respeito questionando seus anseios pela profissão, a fim de destacar a importância e necessidade de a mesma suceder de forma refinada. Nossa atenção é essencial para contribuição da formação dos indivíduos, e também em busca do reconhecimento merecido da nossa disciplina em meio a um sistema que a historicamente a descarta. O avanço nesse percurso é notório, mas ainda falta muito e o nosso engajamento é fundamental.

A gestão das escolas, suplico entendimento, necessidade e dever para com a Educação Física; tudo que aconteceu comigo despertou o grande desejo de que não aconteça mais com nenhum(a) educando(a) em nenhuma instituição de ensino. Essa disciplina precisa ser presente na vida dos(as) alunos(as).

Chego ao fim deste trabalho com a esperança de que minhas inquietações tenham despertado algo transformador do(a) leitor(a), assim como transformou a minha.

Depois de ultrapassar diversas mudanças pessoais, me encontrei na profissão e quero fazer a diferença, abrindo caminhos e ajudando a construir futuros.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro; KNIJNIK, Jorge; VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luis; DAOLIO, Jocimar. Fundamentos filosóficos e antropológicos da Teoria do Semovimentar e a formação de sujeitos emancipados, autônomos e críticos: o exemplo do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 20, n. 4, 1 out. 2014. Escola de Educação Física, p. 1631-1653. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115332898018.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. A Educação Física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Bauru/SP, ano 1, ed. 1, p. 73-81, 2002. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BOTAFOGO, Ana. **Na ponta dos pés**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2006. 133 p. v. 1. ISBN 85-250-3991-8.

CARNEIRO, M. A. **LDB fácil: Leitura Crítico-Compreensiva Artigo a Artigo**. 3. ed. rev. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998. 197 p. ISBN 85.326.1966-5.

CONNECT E CRIE. **Espetáculo - Quadro em Branco**. YouTube, 28 de ago. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tHgZyknXrCM&t=432s>. Acesso em: 20 de ago. de 2022.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. **Cadernos de Formação: conteúdos e didática de educação física. São Paulo: Cultura acadêmica**, v. 1, p. 21-33, 2012.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL-BETTI, Irene Conceição; RAMOS, Glauco Nunes Souto; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lilian Aparecida; MOTA E SILVA, Eduardo Vinicius; RODRIGUES, Luiz Henrique; SANCHES, Luiz; PONTE, Gustavo; CUNHA, Felipe. **A educação física, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais**. 2001.

DENZIN, N.K. Investigação Qualitativa Crítica. **SOCIEDADE, CONTABILIDADE E GESTÃO**, América do Norte, 13, nov. 2017. Disponível em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-08/index.php/ufrj/article/view/3222>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 76 p. ISBN 85-219-0243-. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2023.

JUCÁ, G.; MALDONADO, T.; BARRETO, M. Na corda bamba de sombrinha: a Educação Física no fio da história na base nacional comum curricular do ensino médio. *Motrivivência*, [S. l.], v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/93798>.

JULIANE BAZZO. **EPSÓDIO 7 – Autoetnografia com Fabiene Gama**. YouTube, 01 de fev. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kKKMhqGOue4>. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

MILLEN NETO, Alvaro Rego; CRUZ, Ronaldo Pimenta da; SALGADO, Simone da Silva; CHRISPINO, Renata Ferreira; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, ed. 2, p. 1-15, maio/ago 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/7559>. Acesso em: 6 out. 2022.

O PONTO de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo (2017). Rio de Janeiro/RJ: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno&t=356s>. Acesso em: 25 nov. 2023.

OLIVEIRA, A. L. C. **Espaço, Escola e Educação Física: uma jornada pelo Ensino Médio**. Orientador: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg. 2014. 87 p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, 2014.

RAIMOND, Gustavo Antonio. **Corpos que (não) importam na prática médica: Uma Autoetnografia Performática sobre o corpo gay na escola médica = Bodies that do (not) matter in medical practice: a performance autoethnography about gay body in medical school**. Orientador: Prof. Dr. Nelson Filice de Barros (UNICAMP). 2019. 247 p. Tese Doutorado (Faculdade de Ciências Médicas) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2019. PDF.

SCIELO. **Conversa com Gustavo Antonio Raimondi**. YouTube, 21 de out. de 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sk4L_ufgrDY. Acesso em: 01 de dez. de 2022.

SILVA, Antônio Jansen Fernandes; FERREIRA, Dirlene Almeida; SILVA, Maria Eleni Henrique. **Saberes em Ação na Educação Escolar: Possibilidades Pedagógicas a Partir da BNCC**. Curitiba/SC: CRV, 2021. 182 p. ISBN 978-65-251-0079-1.

SILVA, Ingrid. **A SAPATILHA que MUDOU meu MUNDO**. 1. ed. rev. Rio de Janeiro/RJ: Globo Livros, 2021a. 174 p. v. 1. ISBN 978-65-86047-87-5.

SILVA, João Vittor Bezerra da. Quadro em branco: um espetáculo de dança sobre sentir a escola. **Relatório de Atividades do Espetáculo Artístico (Trabalho de Conclusão de Curso II)**. Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Orientadora: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg, Fortaleza/CE, 2021b.

SOUSA, Mirian Virgilina Jovita de Moraes. **Motivos que levam estudantes da Educação Básica a não participarem das aulas de Educação Física: um estudo sobre o GTT-Escola do XXI CONBRACE e VIII CONICE-2019**. 2020.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Dispensas das aulas de Educação Física: Apontando caminhos para minimizar os efeitos da arcaica legislação. **Pensar a Prática**, São Carlos/SP, v. 12, ed. 2, p. 1-12, maio/ago 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/download/6436/5362>. Acesso em: 21 nov. 2023.

VENÂNCIO, Luciana. A relação com o saber e o tempo pedagogicamente necessário: Narrativas de experiência com a Educação Física escolar. **Revista de Estudos de Cultura**, São Cristóvão/SE, v. 5, ed. 14, p. 89-102, maio/ago 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/13268/10371>. Acesso em: 21 nov. 2023.